

RESENHA DE “CIDADE CEGA: Uma encenação somático-performativa com atores/performers com deficiência visual na cidade”

REVIEW OF “BLIND CITY: A somatic-performative staging with visually impaired actors/performers in the city”

David Silva da SILVA<sup>1</sup>

CIDADE  
CIVIC  
NUN  
VUE

## RESUMO

Cidade Cega é uma encenação somático-performativa realizada em 2015 como laboratório prático da tese de Doutorado de Carlos Alberto Ferreira da Silva, objetivando a percepção da cidade de Salvador (BA) por meio da potencialização dos sentidos (tato, audição, olfato e paladar), tendo *Flâneur Cego* como um elemento performativo, responsável por acessar as camadas da cidade, através da supressão da visão. O roteiro dramático teve como inspiração, além das vivências dos próprios atores envolvidos, obras que tratavam da temática da cegueira e da sensorialidade, como *Ensaio sobre a Cegueira* de José Saramago (1995), *Os cegos* de Michel de Ghelderode (1993), *Os Cegos* de Maurice Maeterlinck (1960) e as poesias *CorpoCidade* e *Os cegos* de Sonia Rangel (2005). A tese, assim como a encenação, é dividida em três fases: *o Prólogo, o Encontro e o Manifesto*.

Palavras-chave: Intervenção Urbana, Artista Performativo, Acessibilidade Cultural, Pessoa com Deficiência.

## ABSTRACT

Blind City is a somatic-performative staging carried out in 2015 as a practical laboratory for the PhD thesis of Carlos Alberto Ferreira da Silva, aiming at the perception of the city of Salvador (BA) through the enhancement of the senses (touch, hearing, smell and taste), having *Flâneur Blind* as a performative element, responsible for accessing the layers of the city, through the suppression of vision. In addition to the experiences of the actors involved, the dramaturgical script inspired works that dealt with the theme of blindness and sensoriality, such as *Blindness* by José Saramago (1995), *The Blind* by Michel de Ghelderode (1993), *The Blind* by Maurice Maeterlinck (1960), and the poems *BodyCity* and *Os blindes* by Sonia Rangel (2005). The thesis, as well as the staging, is divided into three phases: *Prologue, Encounter and Manifest*.

Keywords: Urban Intervention, Performative Artist, Cultural Accessibility, Disabled Person.

1 Bacharel em Enfermagem pelo Centro Universitário UNINORTE (2018) é graduando do Curso de Licenciatura em Letras Libras pela Universidade Federal do Acre - UFAC. Mestrando em Educação pela Universidade Federal do Acre - UFAC. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC, orientado pelo Prof. Dr. Carlos Alberto Ferreira da Silva, da Universidade Federal do Acre - UFAC. Integrante Voluntário do Projeto de Extensão "Teatro e Educação Inclusiva: uma proposta pedagógica no Centro de Ensino Especial Dom Bosco e no Centro de Apoio Pedagógico para Atendimento às Pessoas com Deficiência Visual de Rio Branco", coordenado pelo Prof. Dr. Carlos Alberto Ferreira da Silva.

CIDADE  
CIVIC  
NUN  
VUE

## **RESENHA DE “CIDADE CEGA: Uma encenação somático-performativa com atores/performers com deficiência visual na cidade”**

Este texto é uma resenha da tese *Cidade Cega: uma encenação somático-performativa com atores/performers com deficiência visual na cidade*, defendida em 2018 no Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas) - Escola de Teatro e Dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador, por Carlos Alberto Ferreira da Silva. O autor é encenador, performer, ator e produtor teatral. Graduado em Artes Cênicas, Licenciatura e Bacharelado, com ênfase em Direção Teatral e Interpretação pela Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP (2006-2011), Mestre e Doutor em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia - UFBA (2012-2014) e cursou o Doutorado-Sanduiche na *Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3* (2014-2018).

Sua tese de Doutorado intitulada “*Cidade Cega: uma encenação somático-performativa com atores/performers com deficiência visual na cidade*” dividida em três fases: *o Prólogo, o Encontro e o Manifesto*, fala sobre a encenação somático-performativa *Cidade Cega*, realizada na cidade de Salvador (BA) no ano de 2015<sup>2</sup>.

### **PRÓLOGO - INTRODUÇÃO AOS DEVANEIOS DA PESQUISA E O FLÂNEUR CEGO**

No *Prólogo* da tese, o autor conduz seus leitores aos devaneios que trilharam seu caminho até a encenação somático-performativa *Cidade Cega*. Inicialmente, busca entender a função do encenador/produtor. Já em 2013 começa a ser direcionado a novos rumos com a realização do projeto *Tecendo a nossa história*, que teve foco alterado a partir da parceria com *Ponto de Cultura Meninos da Porteira*, na cidade de Itapetininga (SP), sede do Centro de Pesquisa e Reabilitação Visual - CEPREVI, no intuito de incluir o público do Ponto de Cultura na obra.

No mesmo ano, levado à inquietude ao observar um senhor cego caminhar lentamente com sua bengala nas proximidades do Largo do Campo Grande, em Salvador (BA), diante da falta de acessibilidade e sua invisibilidade perante a sociedade e ao considerar dados estatísticos que suscitam um aumento de pessoas com deficiência visual no Brasil, assim como a precariedade em ações de acessibilidade, passou a pensar a cidade de outra maneira e a observá-la por outras vias sensoriais.

Em 2014, conhece o grupo Teatral *Noz Cego* e a *Associação Baiana de Cegos* por meio do trabalho de Jamile Cruz e os convida para um encontro em 2015 na *Escola de Teatro*, onde conta aos presentes da proposta de criar uma encenação na rua, mesmo que desconhecesse de práticas artísticas de ensino teatral que envolvessem as pessoas com deficiência visual nesse cenário. Outros encontros foram realizados até a elaboração final da obra.

Aquém da perspectiva mercadológica, o fazer artístico da obra pauta-se na heterogeneidade dos seus espectadores, com almejo de contemplar o contexto que esses estão inseridos. Os principais participantes da encenação somática-performativa foram atores com deficiência visual e uma atriz sem deficiência visual, mas, ainda participaram os inscritos/participantes, os transeuntes e demais agentes que compuseram as diversas etapas da produção. O início do processo de criação se deu na rua e resultou na experiência de atores/performers que guiam os inscritos/participantes, através de um circuito entre as ruas e a Praça do Campo Grande, na cidade de Salvador (BA).

Para isso, faz-se *sine qua non* conhecer o contexto de origem das pessoas com deficiência visual participantes, no anseio de compreender a realidade que estão inseridos. Dessa forma, os leitores são conduzidos a conhecer os trajetos feitos pelos participantes da obra, referindo-se à circulação urbana destes na cidade de Salvador. Nessa explanação, têm-se a percepção de que esses corpos estão diariamente em uma zona de risco, em função dos percursos e trajetos de suas residências até o centro e do centro até a periferia, sobretudo, no horário noturno.

Quando se pensa no conceito de cidade, o seu planejamento não deveria ser construído somente para um grupo seletivo, mas dar a chance para que qualquer cidadão possa ser autônomo em seu cotidiano. Logo, pensar o espaço por essa dimensão é alargar as possibilidades para que os diferentes corpos usufruam da rua como um lugar de pertencimento. Todavia, mesmo que se identifique a potência e importância dos sentidos, sabe-se que as pessoas com deficiência são movidas por limites, algumas vezes, impostos pelo próprio corpo e outras pela sociedade. É de onde surge a proposta de vender os olhos dos inscritos/participantes e sentir a cidade, tornando-se uma das vias de reflexão sobre o que o próprio ser humano vem causando à sociedade. É perante essas reverberações que o pesquisador traz o termo *Flâneur Cego*.

O *flâneur* é o sujeito que atravessa a cidade, de passo a passo, entra em ruas desconhecidas, narra caminhos e cria mapas, através de uma deriva, que se dá pelo erro, que gera acertos e condiciona os sentidos para identificar elementos e uma linguagem a qual muitos não conhecem, muitos não acessam. João do Rio em *A Alma Encantadora das Ruas* (1908), diz que esse estado de andar sem rumo contribui para conhecer as facetas da cidade, sobretudo, as memórias que surgem por meio da descoberta. Outros autores citados que tratam sobre a temática do *flâneur*, como Walter Benjamin (1989), Ítalo Calvino (1990), Charles Baudelaire (1996), Paola Berenstein (2012), Giampaolo Nuvolati (2009), Jieun Shin (2014), dentre outros, atribuem ao *flâneur* uma ligação direta ao sujeito que observa, que faz uso da visão como ponto de partida. Nessa perspectiva, passa-se a utilizar o termo *Flâneur Cego*, refletindo-se em como pensar e discutir essas definições de *flanância* levando em consideração um sujeito com deficiência visual, que deixa a porta da casa para aprender/experimentar/desfrutar da cidade.

Ainda que alguns cegos possuam um mapeamento de sua trajetória e caminhem dentro de um ritmo próprio, infelizmente, existem obstáculos que criam dificuldades durante o percurso do cotidiano, barreiras encontradas em protótipos de cidades, que são construídos de modo que uma parcela da sociedade se torna excluída. O contexto que cada pessoa com deficiência está inserida faz com que, pela prática, seus corpos se adaptem aos percursos, de modo que, através dessas experiências de *flanância*, novas formas de se relacionar com a cidade possam ser instauradas. Assim, o *Flâneur Cego*, na *flanância*, se constitui tanto da ação de *flanar*, quanto de apresentar os problemas movidos pela cidade moderna. Nesse interim, as relações interior e exterior fundem-se, de modo que o corpo da cidade, somada ao corpo do sujeito que *flana*, torna-se um *CorpoCidade*; um se completa no outro.

## **ENCONTRO - CIDADE CEGA, UMA EXPERIÊNCIA PELOS CAMINHOS DO FLÂNEUR CEGO**

Já no *Encontro*, Ferreira da Silva (2018) apresenta com maior detalhamento todo o processo de criação e desenvolvimento da encenação somático-performativa elaborada por ele, o Grupo Teatral Noz Cego (Cláudio Marquês, Cristina Gonçalves, Gilson Coelho, Rutiara Santos e Valmira Noia - atores e atrizes com deficiência visual), a atriz Milena Flick (atriz vidente), o Coral do Centro de Apoio Pedagógico ao Deficiente Visual - CAP (aproximadamente 35 pessoas com deficiência visual) e a equipe técnica.

Durante o laboratório prático da pesquisa, várias etapas foram realizadas objetivando conhecer as histórias dos sujeitos cegos. Inicialmente, escutou-se suas histórias e a relação dos seus corpos com a cidade para, posteriormente, apresentar as abordagens educacionais, artísticas, sociais e culturais, tanto para o conhecimento do corpo, quanto para as relações com o corpo e a cidade. Desenvolver a noção do *Flâneur Cego* foi de suma importância, bem como atrelar a prática com algumas informações teóricas para efetiva compreensão da proposta da Cidade Cega.

Entendendo que alguns procedimentos de trabalho possuíam uma característica visual ligada à cena e aos exercícios visuais, necessitou-se repensar os recursos a serem utilizados, de modo que os atores e atrizes pudessem entender as necessidades de cada atividade, tanto na sala de ensaio, quanto durante o processo na rua. Para isso, fez-se fortemente o uso do recurso de audiodescrição durante todo o processo de criação da obra.

Na cidade de Salvador o início da abordagem artística e pedagógica com os cegos se deu nas práticas realizadas na sala de ensaio e a posteriori notou-se a necessidade de (re)conhecer o percurso onde aconteceria a encenação. Mediante a oficina *Sentindo a cidade, uma experiência cega*, os atores cegos puderam criar uma intimidade e confiança com o lugar da encenação. A ideia era fazer com que os atores e atrizes assumissem a ação de um *flâneur* na cidade e percebessem através dos sentidos sensoriais, as diversas informações presentes, que resultaria nos materiais para o roteiro dramático.

Partindo da pergunta “O que nos move nessa cidade?”, a oficina começa na vivência do *CorpoCidade* para criar uma relação entre os corpos dos atores/performers com o corpo da cidade. A venda sobre os olhos se mostrou fundamental para esse trabalho na rua, pois, a princípio, a experiência do sujeito com a cidade precisaria ser pessoal e íntima, na busca por sentir a cidade em sua totalidade. As primeiras intervenções urbanas criadas pelos atores/performers em Salvador foram indispensáveis para que entendessem o que seria a encenação somático-performativa e, principalmente, para dissociar a compreensão do fazer teatral com a performance. Nessa proposta, Cláudio Marquês, Cristina Gonçalves, Gilson Coelho, Rutiara Santos, Valmira Noia e Milena Flick trouxeram questões emergidas ao longo da oficina/intervenção por meio da criação de um trabalho individual de intervenção urbana.

As respostas à pergunta não possuíam um formato único, ampliando as suas possibilidades através de uma fala, de um movimento, de um gesto, de uma ação, de um relato. Assim, diferentes abordagens do processo criativo compuseram o laboratório de criação da encenação, como o método do *Authentic Movement* (Movimento Autêntico), originado pela terapeuta e dançarina Mary Starks Whitehouse nos anos de 1950 e 1960, nos Estados Unidos. O referido método foi utilizado para acessar, repensar e questionar inquietações iniciais dos atores/performers.

Uma outra abordagem adotada foi a Pesquisa Somático-Performativa, que consolidou Cidade Cega não apenas como campo de produção de conhecimento científico, mas, antes, como campo de criação de Sabedoria Somática, termo utilizado por Nagatomo (1992). Referente à Pesquisa Somático-Performativa, o encenador apresenta alguns princípios que serviram como norteadores, partindo dos conceitos-chaves propostos por Ciane Fernandes (2013) e outros autores emergentes ao identificar o trabalho como uma encenação somático-performativa. O princípio fundante que dá sustentação à encenação é o Ser guiado pelo impulso de movimento, a partir do método do Movimento Autêntico já citado.

Já os princípios temáticos que se somaram no laboratório de criação incluem a Sintonia somática e sensibilidade e a Criação de associações e sentido a partir do Afeto. Dos princípios contextuais que relacionam a abordagem a outros campos do conhecimento de forma mais explícita e criam um todo inter-relacional e dinâmico, foram a Abertura participativa e poéticas da diferença e a Arte como eixo de diálogo entre diferentes campos do saber. E por fim, outros princípios que surgiram, gerados e classificados pelo autor, incluíram Acessibilidade Universal e Inclusiva, CorpoCidade, Flâneur Cego, Materialidade, Imagens somáticas e sensoriais e Produção Cultural.

Após relatar todo o laboratório prático de pesquisa para Cidade Cega, é apresentado o desenvolvimento da encenação somático-performativa, realizada na Praça de Campo Grande, na cidade de Salvador. A encenação segue a mesma divisão proposta na tese: *Prólogo, Encontro e Manifesto*. No *Prólogo*, início da encenação, ações simultâneas acontecem no Ponto 1 (Esquina da Avenida Araújo Pinho com o Largo do Campo Grande) e Ponto 2 (Calçada da Praça do Campo Grande, próximo à faixa de pedestre do Largo do Campo Grande junto à sinaleira).

No Ponto 1, Cláudio, Gilson, Valmira e Rutiara iniciam a encenação onde cada um recebia em tempo diferente, entre 3 a 4 minutos, 5 inscritos/participantes vendados para guiar e os conduziam para distintos pontos da calçada de maneira que as apresentações acontecessem sem a interferência sonora dos outros grupos. Primeiramente, os atores/performers se apresentavam dizendo seus nomes, de onde vinham e falavam sobre a deficiência, indagavam o nome dos inscritos/participantes e davam as instruções da Cidade Cega. Em seguida, cada ator/performer guiava os inscritos/participantes ao longo do percurso, estimulando o sujeito a se relacionar com os diferentes elementos encontrados no trajeto estabelecido. Observou-se que o impacto de se colocar em prática restringindo o uso de um dos sentidos, fez com que o participante se depare com os seus conflitos e inseguranças.

Por ser uma experiência que envolvia pessoas com deficiência visual e a participação de inscritos/participantes vendados, uma equipe de apoio foi criada para a precaução de possíveis eventualidades e/ou desistência. Essa equipe ainda era responsável por aguçar o estímulo de sensações ao borrifar essências de elementos. Apesar das recomendações passadas para a equipe de apoio, foi possível perceber que em alguns momentos aconteciam interferências desses sujeitos na prática do inscrito/participante, ajudando-o em situações onde o próprio deveria solucionar. A encenação também sofria interferência dos transeuntes que circulavam no trajeto. Os atores/performers criavam intervenções a cada momento que estavam nas calçadas, pois seus corpos atraíam a atenção.

O trajeto da esquina da Avenida Araújo Pinho até a sinaleira do Largo do Campo Grande foi movido por estímulos, onde os envolvidos tocavam, cheiravam, ouviam todos os elementos encontrados ao longo do percurso. Durante o trajeto, tanto os atores/performers, quanto os inscritos/participantes se colocavam sentados na calçada para observar essas noções originadas e pulsantes na cidade, enquanto a equipe borrifava diversas essências para aguçar os sentidos, momento denominado de "*meditação na cidade*". Antes dos inscritos/participantes se separarem dos atores/performers, para adentrarem ao momento do *Encontro*, ainda durante o *Prólogo*, próximo a uma árvore, no final do percurso, estava uma atriz/performer, que recitava a poesia *CorpoCidade* de Sonia Rangel. A poesia era declamada enquanto os inscritos/participantes a sentiam, a tocavam, a cheiravam, a abraçavam.

Simultaneamente, no Ponto<sup>2</sup>, Cidade, por Milena Flick, se deslocava em passos lentos e respiração tranquila do Largo do Campo Grande, saindo na lateral próxima à Avenida Sete de Setembro e caminhava em direção à sinaleira do Campo Grande. Cidade, como alegoria, representa um contexto histórico, um projeto idealizado por muitos e uma obra sempre em progresso.

A composição do figurino de Cidade<sup>3</sup> trata-se de uma obra plástica, tridimensional e multissensorial com luz, sonoplastia e o próprio cenário. Criado por Leonardo Teles, o figurino de Cidade, exala fragrâncias por meio de incensos acoplados, emite sons com elementos inseridos nos braços, pernas e cauda, possui texturas diferenciadas e criadas para que o espectador possa percebê-los, pelo tato, além de dispor de elementos estéticos que incorporam os tempos (presente, passado e futuro) e a contaminação de elementos (natureza, concreto e metal). A emissão de sons, em particular, sinalizava aos atores/performers cegos a chegada de Cidade.

Cidade, um elemento performativo que gera um diálogo direto com transeunte, causa ainda um estranhamento, pelo seu corpo entranhado de sons, cheiros e estruturas, fazendo com que o transeunte dedique um tempo para observar e pensar o que vem a ser esse elemento. No seu percurso, Cidade ganhou títulos que remetiam ao imaginário das pessoas: a Justiça, que carregava em suas mãos uma balança, a figura dos Orixás e a imagem de um monstro, devido ao figurino, que desconfigurava a imagem do “humano”.

Cidade se aproxima do Coral do *Centro de Apoio Pedagógico ao Deficiente Visual - CAP*. Estes fazem parte de uma intervenção no meio do cruzamento do Campo Grande. Regido por Neiva Quadros, interpretaram a música *Rua da Passagem (Trânsito)*, de autoria de Lenine e Arnaldo Antunes, mais conhecida na voz de Ney Mato Grosso. Nesse momento, aconteceu o Encontro entre o Ponto 1 e o Ponto 2 na rua. Estima-se que o Encontro durou aproximadamente 5 minutos e que acarretou um congestionamento de 2km de automóveis, ônibus e motos. Por não compreenderem o que estava acontecendo, começou-se a buzinar, a gritar, a sair dos carros, no intuito de reclamarem sobre a interrupção. Essas ações foram importantes para demonstrar esse lugar da pressa, da raiva, da falta de paciência, enquanto Cidade dizia *“Escutem! Escutem! Quando eu morrer, voltarei para buscar os instantes que não vivi na cidade”*, trecho do *Roteiro Dramatúrgico da Cidade Cega desenvolvido pelo autor/encenador (FERREIRA DA SILVA, 2015, p. 240)*.

Na encenação, os participantes são levados para o contexto da performatividade, com suas autobiografias particulares, assumindo a presença do *Flâneur Cego*, um sujeito que flana e experimenta os espaços por onde transita, notando as diversas informações presentes na cidade, pela perspectiva da percepção. *Flâneur Cego* emerge para reivindicar os direitos/deveres para todos, adentrando nas camadas físicas e sociais que estabelecem e constroem uma ideologia de cidade, fazendo a sociedade pausar, ainda que por minutos, a sua rotina agitada para sentir a cidade além do visual.

3 No texto “A complexidade de criar um figurino acessível e sensorial de “Cidade” para guiar os atores/performers com deficiência visual”, publicado em 2019 na Revista *Teatro: criação e construção de conhecimento*, Carlos Alberto Ferreira, autor da tese, propõe uma reflexão sobre o figurino de Cidade, figura performativa, realizada por Milena Flick, na encenação somático-performativa *Cidade Cega*. Artigo disponível *online* e com acesso livre nos



## MANIFESTO - CORPOCIDADE, O CORPO NA CIDADE

Na terceira parte da tese, o pesquisador apresenta o *Manifesto*. Manifesto configura-se como um texto de natureza dissertativa, uma declaração pública de princípios e intenções, que proclama definições individuais sobre temas de interesse artístico, político e/ou social, visando formular novas regras e preceitos para dar voz a uma questão.

Em Cidade Cega reúne-se um misto de referências da sociologia, da literatura, do teatro e da performance, na expectativa de dar voz à Cidade de modo que os sujeitos que a consomem e a ocupam possam escutá-la e perceber o seu lugar de fala, trazendo à tona as inúmeras cegueiras que se apresentam política e socialmente, através de uma ação artística. Lefebvre (1999), por exemplo, salienta que o direito à cidade precisa ser entendido, dentro do processo sócio-histórico da comunidade, pelo viés de notar os interesses múltiplos; o lugar do trabalho e da festa; as tensões e os conflitos que se apresentam nos espaços públicos daqueles que habitam.

Dentro de Cidade Cega, o Manifesto não trata diretamente de um ato político, mas de fazê-lo politicamente, sem restringir suas questões direcionadas somente aos sujeitos com deficiência, mas a todos que usufruem da cidade e não assumem suas relações com a mesma. Quando proferido, convida o transeunte a ser ativo na encenação somático-performativa, pois ao ser indagado, participa tanto respondendo, com suas vozes, mas também com o próprio corpo, com respostas oriundas da/pela vivência. Os transeuntes sentem seus corpos afetados por uma série de ações, em plena atualidade, como o preconceito, a violência, a invisibilidade.

Na perspectiva de perceber esses impactos e questões emergentes na sociedade, Cidade Cega insere no *Manifesto* fatos que acontecem no cotidiano, vigentes na vida real de muitas pessoas e que refletem em seus corpos. A proposta está em conhecer a cidade por um outro viés, sendo esse pelos sentidos, de forma que possa estender o campo sensorial, para além da visão. Ao propor que os inscritos/participantes vendem os olhos, todos que estão presentes precisam ter a ciência e a compreensão de que o estado de ocupar e intervir no espaço público garante a defesa dos direitos civis, cada vez menos fiscalizados pelos órgãos responsáveis.

O ato político da encenação se apresenta justamente quando esses corpos, vendados, se colocam na rua e os transeuntes se perguntam o que está acontecendo. Ato esse que almeja compreender a cidade por um aspecto de preenchimento, criado pelos seus diferentes sujeitos, quando a vivência e a relação de ser e estar na cidade é entendida pelo direito de usufruir das condições dadas a esses corpos, que, somados formam o *CorpoCidade*. Portanto, o *Manifesto* enfatiza a identidade da cidade, sua forma, enquanto cidade singular e plural, a experiência propriamente corporal do transeunte, do andarilho e do *Flâneur Cego*, que é vivenciada por uma descontinuidade do ritmo, a partir de uma proposta que contraria a lógica cotidiana da urbe, proferindo de maneira efusiva e sensorial, o complexo desse sistema rizomático, que castra a potencialização dos sentidos, como meio de percepção.

No anseio, através das flanâncias urbanas, de desvendar os caminhos da cidade, que estão tanto na esfera do comum, quanto as subterrâneas, arraigadas e próximas à memória, que estão intimamente interligadas ao corpo, faz-se uma investigação do espaço urbano, que é também subterrânea, escondida, obscura, escura e revestida de memória, mas também racionalista, estruturalista e arquitetada, que impacta diretamente sobre a vivência dos participantes.

Assim, o *Manifesto* objetiva apresentar ao espectador um estado de reflexão dessas questões a partir da vivência somático-performativa, no intuito de compreender qual a cidade que o sujeito está acessando. Logo, pensar a cidade pelo panorama de quem percorre suas ruas, mostra-se extremamente coerente, uma vez que a cidade é pensada pelos sujeitos que nela habitam.

Cidade Cega aconteceu em 2015, em Salvador, e teve como resultado do seu processo de encenação o documentário *Excursão por uma Cidade Cega (2015)*<sup>4</sup>, dirigido por Davi Arteac, com depoimentos dos atores, encenador e de inscritos/participantes. Em 2016, o documentário foi exibido em algumas universidades; realizou-se oficinas/intervenções com os atores/performers; e exposições sobre a Cidade Cega, em eventos acadêmicos.

Em 2017, como desdobramento da pesquisa, o pesquisador e encenador realizou um doutorado sanduíche na *Université Paris 3 - Sorbonne Nouvelle*, com a supervisão da professora Alexandra Moreira da Silva. Já a encenação, esteve em pausa até este mesmo ano, quando os atores e a equipe, a partir de um edital aprovado pelo Estado da Bahia de Incentivo à Cultura, se apresentaram em Paris, na França.

A experiência em Paris perpassou por diversas situações ocasionais. A realização de Cidade Cega em Paris, do período de aprovação à realização já se apresentava como um ato político. O recurso destinado pela Secretaria do Estado não foi suficiente, tornando-se preciso que os atores/performers se organizassem para vender camisas e investir recursos próprios para complemento do valor necessário, sem receber auxílio algum de parceiros.

A proposta do projeto foi composta por apresentações da encenação, rodas de conversa, exibição do documentário *Excursão por uma Cidade Cega (2015)* e exposição de fotos, que ocorreram, entre os dias 21 a 25 de novembro de 2017, na Embaixada do Brasil, na *Cité Universitaire* e em frente do museu *Centre George Pompidou*. Durante as apresentações da encenação os princípios do *Flâneur Cego*, do *CorpoCidade* e da *Materialidade* também foram acionados, de modo que os atores/performers pudessem se conectar com a cidade de Paris, através das visitas e investigações nos espaços em que ocorreriam a encenação, buscando um diálogo entre os atores/performers com a cidade, intensificando a intervenção urbana pela capital francesa, de modo que o transeunte pudesse observar e sentir os impactos da ação dos performers durante a encenação.

Para a realização da encenação nas ruas de Paris, era preciso uma série de documentações, mas, o período para se fazer todos os trâmites tornou a aquisição dessa documentação impossível, fazendo a encenação assumir deliberadamente as características das intervenções urbanas, sendo executada, em partes, sem uma devida autorização. Apenas na Embaixada do Brasil e na *Cité Universitaire*, a equipe possuía as autorizações necessárias.

Nas apresentações, mesmo conhecendo minimamente do lugar, o percurso aconteceu de uma maneira mais natural e solta, sem conhecimento e marcação precisa como em Salvador. Uma gama de acontecimentos somou-se no processo de execução da intervenção, gerando sensação de acaso e improvisado. Ainda, foram feitas alterações importantes em função da segurança dos participantes.

4 A produção do documentário *Excursão por uma Cidade Cega* teve apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e revela as múltiplas facetas das cegueiras existentes na Cidade, por meio de imagens, relatos e cenas, da relação dos atores com o público, e da passagem da sala de ensaio à rua. Disponível *online* na Plataforma YouTube no perfil de Davi Arteac/Diário de um Diretor: <https://www.youtube.com/watch?v=W6S-FM-nm5c>



A experiência em Paris se diferencia da experiência soteropolitana por ser uma experiência de viajar juntos, da convivência, de entrosamento e de poder conhecer, para além dos limites dos corpos, as suas potencialidades. Questões culturais, geográficas e sociais também trouxeram vários aspectos que diferenciaram as duas experiências<sup>5</sup>.

Cidade Cega, embora tenha foco principal nas questões em torno de acessibilidade urbana para cegos e pessoas com baixa visão, aborda uma temática abrangente, que deve ser de importância para todas as pessoas, independente da cidade. Em Paris, a encenação mergulha em questões que friccionam a acessibilidade, mas também o direito do cidadão de se sentir pertencente às ruas, na procura por alteridade, encontro e relação com o outro, na expectativa de superar as dificuldades, os limites e adentrar, por meio da arte, em espaços que visem uma desconstrução do corpo como um lugar de inscrição social. Além de compreender as esferas da vida social e os reflexos que estão latentes, desde o turista consumidor, as pessoas em situação de rua e os imigrantes.

Ao fim das apresentações, o estado emocional dos inscritos/participantes era notório, causado pela criação de uma ligação de confiança e dependência com o ator/performer que os guiava pelo estabelecimento de vínculo afetivo. O encontro do inscrito/participante com o ator/performer cego faz com que o participante compreenda minimamente a realidade desses sujeitos, ao se depararem com uma cidade não acessível.

Tecendo considerações finais, o autor retoma as questões que surgiram repetidamente na tese: *A cidade é um direito de todos? Todos têm a liberdade de vivê-la? Se todos possuem o direito de viver, então os direitos são iguais para todos?* As respostas para essas indagações, infelizmente, são uma série de “nãos”. No cenário atual, mesmo a cidade mais linda, turística e visitada mundialmente possui seus problemas de acessibilidade que atingem uma grande massa, e são as pessoas com deficiência, no geral, que carregam as cicatrizes desses problemas.

Cidade Cega buscou inspiração na literatura, no entanto, foi intensificada com as histórias e as narrativas dos atores/performers cegos, nas ruas, cuja realidade se identifica com a vida de muitas pessoas na contemporaneidade no que tange o direito a uma cidade sensível.

Por meio de sua prática, o encenador compreendeu o quanto ainda precisa ser feito para tornar o espaço mais acessível, tanto no que tange à cidade, como também no aspecto cultural e político. Em detrimento dessas questões, a produção assume importantes características políticas, artísticas e sociais, por conduzir os sujeitos participantes a refletirem sobre os impactos que a cidade pode trazer ao corpo com deficiência.

Ferreira da Silva (2018) ao apresentar os devaneios e percursos que permearam o processo criativo e o desenvolvimento de sua encenação, transporta os leitores ao tino reflexivo de como pensar a cidade para todos. Entendendo a cidade como pluralidade, esta precisa ser examinada e planejada considerando essa mesma pluralidade, e não somente para uma população dominante. Levar a encenação para as ruas, dando protagonismo às pessoas com deficiência para reivindicar seus lugares de pertencimentos na cidade, apresenta-se como uma potente intervenção artística no âmbito urbanístico, fazendo com que seus sujeitos, envoltos com seus imediatismos, parem para sentir a cidade.

O geógrafo David Harvey (2009), em uma conferência sobre o direito à cidade na Tenda da Reforma Urbana, afirma que o direito à cidade é o direito de transformá-la em algo radicalmente diferente, o de participação nos processos de transformação da cidade. Processos esses que normalmente são construídos de acordo com os interesses do capital em detrimento das pessoas. Em seu texto *O direito à cidade*, Harvey (2012) diz que desde o princípio as cidades emergiram da concentração social e geográfica do produto excedente. Considerando que o excedente é extraído de algum lugar e de alguém, a urbanização sempre foi um fenômeno de classe com o controle sobre sua distribuição nas mãos de poucos, uma situação geral que persiste sob o capitalismo. Logo, a luta pelo direito à cidade é uma luta contra o capital.

Enquanto, a urbanista Raquel Rolnik, em uma entrevista para a revista Getúlio, em 2007, pensando em uma cidade para todos, expressa que não existe o projeto de uma cidade feito por e para uma única pessoa, salientando que a cidade é sempre um produto coletivo.

Diante disso, se a cidade é para todos, é preciso torná-la realmente acessível para todos. Suas ruas, praças, espaços culturais, hospitais, mercados, edifícios etc. necessitam serem estruturados de modo que todos aqueles que vivem nessa cidade possam circular com segurança, proporcionando condições para que todos usufruam do seu direito de ser cidade, de pertencer à cidade, de sentir a cidade.

#### **REFERÊNCIAS MENCIONADAS:**

BAUDALAIRE, Charles. **Sobre a Modernidade**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

BENJAMIN, Walter. Paris do Segundo Império. In: **Obras escolhidas**. Vol. III. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o Próximo Milênio**. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

FERREIRA DA SILVA, Carlos Alberto. **Cidade Cega**: uma encenação somático-performativa com atores/performers com deficiência visual na cidade. 2018. 247f. Tese de Doutorado (Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas) - Escola de Teatro e Dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

FERNANDES, Ciane. Princípios Somático-performativos no Ensino e Pesquisa em Criação. In: MARCEAU, Carole; SOARES, Luiz Cláudio Cajaíba (Org.). **Teatro na Escola**: reflexões sobre as práticas atuais - Brasil-Québec. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2013, p. 105-115.

GHELDERODE, Michel. **Les Aveugles**. 1993.

HARVEY, David. **O direito à cidade**. Lutas sociais, n.29, p.73-89, 2012.

Instituto Pólis. **David harvey: a luta pelo direito à cidade é uma luta contra o capitalismo**. 2009. Disponível em: <<https://polis.org.br/noticias/david-harvey-a-luta-pelo-direito-a-cidade-e-uma-luta-contra-o-capitalismo/>>. Acesso em: 10 out. 2020.

JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.

LEFEBVRE, Henri. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

MAETERLINCK, Maurice. **Les Aveugles**. Bruxelles: Troisième Edition, 1960.

MALERMAN, Josh. **Caixas de Pássaros**: Não abra os olhos. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

NAGATOMO, Shigenori. **Attunement through The Body**. New York: State University of New York, 1992.

NUVOLATI, Giampaolo. Le flâneur dans l'espace urbain. **Géographie et cultures**, n.70, p.7-20, 2009.

RANGEL, Sonia. **CasaTempo**. Salvador: Solisluna, 2005.

RANGEL, Sonia. **Olho desarmado**: objeto poético e trajeto criativo. Salvador: Solisluna, 2009.

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**. Domínio Público, Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 1908.

ROLNIK, Raquel. **Pensar a cidade como lugar para todos [entrevistada por Carlos Costa]**. Revista Getúlio, n.5, 2007.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SHIN, Jieun. **Le flâneur postmoderne**: Entre solitude et être-ensemble. Paris: CNRS Éditions, 2014.

WHITEHOUSE, Mary Starks; PALLARO, Patrizia. **Authentic Movement**: Moving the Body, Moving the Self, Being Moved: a Collection of Essays, Volume Two. Jessica Kingsley Publishers, 2007.